

**AS DIÁSPORAS  
AMAZÔNICAS SOB O SIGNO  
DA DIVERSIDADE:  
*LITERATURAS E CULTURAS  
DAS EXPRESSÕES DOS  
PESQUISADORES DA  
AMAZÔNIA***

O projeto “Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade”, vinculado ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD/Amazônia) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem o propósito de promover e estimular a interação científico-acadêmica para consolidar uma rede de cooperação acadêmica entre o Programas de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia

(PPGML/UNIR), o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPa) e o Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT), visando aprimorar a qualidade dos PPGs vinculados a essas Instituições e contribuir para a diminuição das assimetrias regionais observadas no Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), conforme diretrizes do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG 2011-2020). Nesse sentido, a *Revista Alère*, vinculada ao PPGEL/UNEMAT, Câmpus do Município de Tangará da Serra, dedica sua 23.<sup>a</sup> edição ao dossiê *Literaturas e culturas de expressões amazônicas*.

O dossiê revela resultados de estudos e pesquisas que se estruturam com fundamento no pressuposto do termo “diáspora”, reconhecido como a “dispersão de um povo ou de uma classe pelo mundo ao longo dos séculos”. Nesse prisma, os organizadores do dossiê fazem alusão à presença histórica de diversas populações de origens milenares que se estabeleceram no território amazônico. A temática refere-se, primeiramente, à presença de populações de origem europeia aclimatadas ao longo do processo de colonização iniciado no século XVI, que contribuíram com a língua portuguesa e para o surgimento das pluralidades características da vertente brasileira desse idioma. Em segundo lugar, refere-se às populações de origem africana, aportadas no continente americano num processo de contato cultural e linguístico, cuja herança se manifesta na presença de numerosas comunidades remanescentes de quilombos, nos movimentos sociais, que buscam a recuperação e afirmação das raízes afro-brasileiras e, de forma mais difusa, na colossal contribuição das línguas africanas para a constituição das variedades brasileiras do português presentes na Amazônia.

Neste cenário, o presente dossiê revela que o maior símbolo da diversidade da Amazônia encontra-se presente na diversidade cultural das línguas indígenas dos diversos povos que constituem a maior diversidade linguística da região amazônica, visto que, enquanto todo o continente europeu originou-se de um único grupo linguístico, o indo-europeu, na Amazônia há pelo menos quatro grandes grupos linguísticos com profundidade temporal

equivalente ao indo-europeu (tupi, macro-jê, carib e aruák). Cada um é constituído de línguas de sociedades indígenas originárias do continente americano, com histórias marcadas por numerosos movimentos migratórios e de contatos interétnicos, dentre os quais aqueles travados com as populações europeias a partir do processo de colonização.

Com base nesses pressupostos, o projeto “Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade” vem fomentando uma rede de pesquisadores com o objetivo de articular estudos e pesquisas, cujo ponto de convergência seja o interesse pelas línguas e culturas da Amazônia, com o objetivo de promover debates epistemológicos voltados para o aprofundamento do sentido que o termo “diversidade” revela nos ambientes naturais e culturais no contexto do bioma amazônico. Trata-se, também, de criar uma rede de pesquisadores que contribua para o fortalecimento de práticas de ensino, pesquisa e extensão na formação de novos pesquisadores na região, por meio de colaboração interinstitucional, de intercâmbio entre as equipes interdisciplinares que promovem diversas missões de estudos no contexto da rede fomentada pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD-AMAZÔNIA).

Por esse prisma, reconhecemos que as ações acadêmicas da rede constituída pelo PPGML/UNIR, PPGL/UFPA e PPCEL/UNEMAT têm como desafios três eixos fundamentais: língua, cultura e educação.

O primeiro eixo (**língua**) consiste na realização de descrições linguísticas de línguas presentes na Amazônia brasileira, incluindo-se a descrição de variedades específicas do português amazônico, de línguas indígenas amazônicas e de línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas na região amazônica.

O segundo eixo (**literatura e cultura**) consiste na coleta e análise de dados que registrem as práticas sociais, a história e o imaginário das populações amazônicas, sejam esses dados de natureza oral (narrativas tradicionais, histórias de vida, depoimentos etc.), escrita (obras literárias, textos jornalísticos, documentos legais etc.) ou multimodal (filmes, documentários, performances etc.).

O terceiro eixo (**educação**) pressupõe a realização de estudos que documentem e analisem as práticas de escolarização ou, de forma mais ampla, as formas de produção e transmissão de conhecimentos junto a diferentes grupos que constituem a sociedade amazônica, incluindo-se escolas indígenas, escolas rurais, escolas de periferias urbanas ou, ainda, experiências de alunos indígenas, quilombolas, surdos etc. em escolas regulares e cursos universitários.

Com base nos resultados gerados pelas pesquisas desenvolvidas nesses três eixos, o desafio do presente projeto é compor um painel articulado e levar a compreensão que se tem da “diversidade” amazônica para além da ideia de uma simples presença de diferentes populações, línguas e culturas na região, descrevendo de forma aprofundada as experiências de grupos específicos e analisando, por meio de estudos comparativos, as posições que esses grupos ocupam e os papéis que exercem no cenário mais amplo da sociedade amazônica.

O dossiê *Literaturas e culturas de expressões amazônicas* é constituído pelos resultados de estudos e pesquisas que permitem elucidarmos as experiências da diversidade amazônica, compreendendo como elas se inserem nos processos de produção, circulação e valoração de saberes e práticas socioculturais. Do ponto de vista teórico, o presente dossiê assume um caráter essencialmente interdisciplinar, concentrando-se na construção de interfaces dos três eixos epistemológicos do projeto Procad-Amazônia que vem contribuindo com o escopo delineado no projeto “Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade”, organizado com as seguintes produções acadêmicas:

**Sara Vasconcelos Ferreira** (UFPA) e **Germana Maria Araújo Sales** (UFPA/CNPq), em “Movimento literário amazônico na imprensa oitocentista”, apresentam um exame das demandas literárias dos escritores amazônicos divulgadas pelo jornal *A Província do Pará*, nos anos finais do século XIX. Revelam que as leituras e as análises literárias produzidas por colaboradores do jornal, residentes na capital paraense, visavam ao debate das produções literárias no intuito de fortalecer as letras amazônicas. Com apoio nessas

constatações, elas analisam como os artigos publicados no jornal *A Província do Pará* despertaram os críticos locais a notabilizarem as produções literárias da Amazônia. Nesse ponto de vista, demonstram que no contexto da inexistência de crítica, resultado de possível ausência de literatura na região e de falta de interesse dos críticos regionais pela produção paraense, Marques de Carvalho aparece como um grande defensor das letras do Norte e põe-se em favor de reconhecimento dos primeiros movimentos literários da Amazônia. O estudo e a pesquisa revelam ainda que o engajamento do escritor, ao lado de outros literatos, resultará na criação da agremiação Mina Literária.

**Sonia Maria Gomes Sampaio** (PPGML/UNIR) e **Larissa Gotti Pissinatti** (PPGMEL/UNIR), em “Fausto e Eutanázio: distantes no tempo e próximos no caos de si”, apresentam as aproximações entre as personagens Eutanázio, na obra *Chove nos campos de cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, e Mefistófeles, na obra *Fausto I*, de Johann Wolfgang von Goethe. Nessa perspectiva, abordam o apelo à descolonização na personagem Eutanázio, a iniciar da experiência da negação do ser, aproximando sua experiência com a personagem Fausto de Goethe, no contexto de crítica à sociedade burguesa europeia. No estudo e na pesquisa, elas fundamentam-se no conceito sartreano sobre a experiência do nada e na teoria dos estudos pós-coloniais. Como metodologia, pautaram-se por estudos comparativos da literatura. Nos resultados, revelam a compreensão de que um processo de colonização acontece já na desconstrução do ser do colonizado por parte do colonizador, tornando-o selvagem. Quanto à descolonização, demonstram que a desconstrução de si na personagem Fausto se inicia no encontro do ser com o seu próprio nada, na figuração de seus medos, de suas carências, indicando o processo de consciência do poder opressor e o conflito existencial vividos pelas personagens Eutanázio e Fausto, denunciando práticas sociais opressoras.

**Maria Madalena da Silva Dias** (PPGEL/UNEMAT), **Walnice Vilalva** (UNEMAT), **José Pereira Filho** (UNEMAT) e **Gilmar Laforga** (UNEMAT), em “Assombro, narrativa e memória: o casarão do Marechal Rondon no assentamento Antônio

Conselheiro”, buscam problematizar, com base nas narrativas do livro *Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro*, a representação do casarão do Marechal, trazendo a dimensão do homem do campo. As autoras e autores partem de conceitos teóricos apresentados por Antonio Candido e Gaston Bachelard, para analisar os assombros, a narrativa e a memória relacionados a um antigo casarão que abrigou Marechal Rondon em uma de suas andanças por Mato Grosso na construção das linhas telegráficas. As narrativas reveladas dão vida ao casarão, que se torna a alma do lugar na constituição das representações do assentamento Antônio Conselheiro.

**João Carlos Gomes** (PPGML/UNIR) e **Marcos Roberto Braña Silva** (PIBIC/UNIR), em “Um olhar pós-crítico das metáforas da *Língua Brasileira de Sinais* no contexto amazônico”, reconhecem no em “Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade” que a interpretação dos processos de comunicação e expressão da Língua Brasileira de Sinais (LBS) no ambiente amazônico dá sentido literal metafórico, constituindo-se em fator que define as metáforas como figura de linguagem. O estudo e a pesquisa tiveram como objetivo registrar as metáforas utilizadas nos processos de comunicação e expressão no contexto amazônico da licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Os resultados demonstram que metáforas utilizadas pelas comunidades surdas na licenciatura em Letras Libras são construídas considerando os artefatos da cultura e da identidade do povo surdo do estado de Rondônia.

**Herta Maria de Açucena do Nascimento Soeiro** (UNIR), **Marcia Regina de Souza Camanho** (UNIR) e **Lucas Martins Gama Khalil** (UNIR), em “Rogativo dos mortos: a cenografia dos hinos da missa do Santo Daime”, revelam que a constituição da cenografia nos hinos do hinário *Santa Missa*, utilizado em um rito do Santo Daime, doutrina ayahuasqueira amazônica, e realizado exclusivamente para os mortos, produz um ethos discursivo para a instância enunciativa. Os resultados demonstram que o conceito de discurso constituinte e seu funcionamento no objeto analisado, associa-se ao ethos discursivo que emerge no hinário *Santa Missa*. Trata-se de uma pesquisa documental, de caráter qualitativo-

interpretativista, que revela que o *córpus* da pesquisa se constitui pelos dez hinos que compõem o hinário *Santa Missa*, como cânticos que são entoados em três momentos diferentes: na missa para a pessoa falecida de corpo presente, na missa do mês em memória dos mortos e na missa de finados comemorado em dois de novembro.

**Paulo Valente** (UFSC), em “Horizonte de expectativa de gênero — entre ceder e subverter os papéis de gênero em Maria Lúcia Medeiros”, revisita dois contos da produção da autora paraense Maria Lúcia Medeiros, com a intenção de pensar o modo como a referida autora compõe duas personagens femininas que experimentam distintas formas de violência em função de seu gênero. Nesse prisma, ele realiza uma leitura pormenorizada dos contos para registrar como as violências simbólicas se destacam e como as narradoras buscam distintas resoluções dos marcadores sociais da diferença que permeiam as narrativas. As análises têm como pressupostos teóricos Monique Wittig (1992), Simone de Beauvoir (2008), Virgínia Woolf (2014), Judith Butler (2015), dentre outros.

**Jandir Silva dos Santos** (PPGL/UFAM), **Vinicius Milhomem Brasil** (PPGL/UFAM) e **Cássia Maria Bezerra do Nascimento** (PPGL/UFAM), em “A Atlântida amazônica de ‘Mãe-d’Água, guardiã dos rios’, conto de Arthur Engrácio”, retomam a geografia das acrópoles subaquáticas, descritas na mitologia grega por Franchini e Seganfredo (2003), no conto “A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen (2013), e na obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato (2014), visando traçar paralelos residuais entre as estruturas e as instalações reais descritas por Arthur Engrácio (1996) em seu conto “Mãe- d’Água, guardiã dos rios”, que é abordado enquanto conto de fadas, de acordo com a compreensão que Tolkien (2010). O estudo e a pesquisa buscam revelar a mitologia amazônica, recorrendo aos escritos de Krüger (2011) e ao Dicionário do Folclore Brasileiro, de Cascudo (2012), para mapear o que se diz acerca da figura da Mãe-d’Água, a fim de que a versão de Engrácio possa ser devidamente reconstruída segundo os postulados de Roberto Pontes (2006).

**Sara Juliana Pozzer da Silveira** (UFMT), em “*Sinais de chegadas*, de Odenir Oliveira: uma leitura na perspectiva da estética de Theodor Adorno”, trata da obra *Sinais de Chegadas, de Odenir Oliveira*, como um romance memorialístico, cujo tema central é o genocídio do povo indígena Panará, quando da construção da BR-163, também conhecida como rodovia Cuiabá–Santarém. Os acontecimentos lembrados no romance passam-se entre os anos 1970 a 1974, durante o regime militar no Brasil. A análise da obra, com base no prisma da estética de Theodor Adorno, destaca o papel da obra de arte como capaz de refratar o momento histórico que provoca o deslocamento do leitor de seu hábitat conveniente para o universo da obra, e propicia que, pela experiência estética, ele tenha uma dimensão mais ampla e diferenciada dos acontecimentos narrados.

**José Francisco da Silva Queiroz** (UFRA), em “O *haikai* amazônico de Max Martins: invenção e tradução semiótica”, por uma visão semiótica, demonstra que a produção literária modernista se caracteriza pelo diálogo entre formas poéticas distintas, tanto no aspecto técnico, quanto nas propostas temáticas e filosóficas de composição. Nessa lógica, ele revela que a produção poética mostra o homem como um produto do idioma e seu recriador. Com base nos pressupostos do poeta Max Martins, em seu livro *H’era* (1971), o autor apropriou-se de algumas técnicas da poesia japonesa, como a forma do *haikai*, e desde então utilizou esse modelo estético nas narrativas poéticas, mesmo não dominando o idioma japonês. O estudo e a pesquisa problematizam como um poeta pode se apropriar de uma forma literária característica de um idioma específico, sem possuir o devido conhecimento linguístico e, assim, fazer uma tradução com base na semiótica.

**Valdiney Valente Lobato de Castro** (UNIFAP), em “A literatura nos primeiros jornais do/no Amapá: da vila ao território”, demonstra que o jornal — principal suporte por onde circulou a leitura no mundo oitocentista — rapidamente, graças a seu caráter portátil, à periodicidade das notícias e às viagens a vapor, alcançou as regiões brasileiras mais distantes. Nesse prisma, o autor mostra-nos que o Amapá, subordinado ao governo da província do Grão-Pará, esteve

por anos dependendo das rotas paraenses para ter acesso às folhas públicas. A proposta do estudo e da pesquisa é analisar os primeiros jornais que circularam pelas terras amapaenses com o intuito de compreender como a literatura estava presente. A pesquisa pode ajudar a construir um cenário sobre os primeiros passos da literatura no Amapá, bem como elucidar acerca do acesso à leitura por meio dos impressos.

**Gabriela Caroline Raudenkolb da Costa** (UFRA), **Geovane Silva Belo** (UFRA) e **Thaís Fernandes de Amorim** (UFRA), em “Silenciamento e traços de escrita feminina em Dulcinéa Paraense”, analisam o processo de silenciamento que acomete a história na obra de Dulcinéa Paraense e alguns traços da escrita feminina. O estudo e a pesquisa apresentam o trajeto intelectual da autora a partir da década de 1930, sua presença no cenário intelectual paraense, atuando ativamente nos suplementos literários, revistas e jornais da época. As questões motivadoras da pesquisa foram: Quais processos levaram à sua invisibilidade? Quais marcas de escrita feminina existem em seus poemas? Essa autora pode ser considerada silenciada? O objetivo do estudo e da pesquisa foi identificar os traços de escrita feminina nos poemas da autora e identificar os processos de silenciamento que Dulcinéa possa ter sofrido.

**Jocineide Catarina Maciel de Souza, Walnice Vilalva e Agnaldo Rodrigues da Silva**, em “Autoria feminina na Amazônia Legal — Memória e espaço na construção da poética de ‘No Quintal’, de Luciene Carvalho, e ‘Falsete’, de Michelle Mor”, apresentam a produção literária da Amazônia Legal em Mato Grosso ao estabelecerem um diálogo na perspectiva analítica literária com os poemas: “Falsete”, de Michelle Mor (2015), publicado em seu blog e no e-book *Escrevivência Poética e da Cultura Alimentar das Mulheres Negras, Pantaneiras, Ribeirinhas e Quilombolas de Cáceres/MT* (SILVA et al., 2021) e “No quintal”, de Luciene Carvalho, que faz parte do *Calendário Poético Quitutes e Quintais* (CARVALHO, 2017), disponível no mês de julho. O objetivo principal é apresentar a construção estética dos poemas, visando destacar as singularidades de cada um no cantar o local (espaços geográficos,

espaços históricos, espaços imaginários), frente às consideráveis aparições de signos e de imagens que remetem a tempos inscritos pela memória.

A poética do mato-grossense Manoel de Barros<sup>1</sup> ensina-nos “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Nessa perspectiva, o presente dossiê *Literaturas e culturas de expressões amazônicas* produziu na comissão organizadora um encantamento que revela a diversidade de olhares dos pesquisadores que pensam o viver na Amazônia brasileira sob o signo da diversidade.

Boa leitura!

### **Organizadores**

Alexandre Mariotto Botton (PPGEL/UNEMAT)

Germana Maria Araújo Sales (PPGL/UFPA)

João Carlos Gomes (PPGML/UNIR)

Tânia Maria Pereira Sarmiento Pantoja (PPGL/UFPA)

---

1 BARROS, Manoel. *Memórias Inventadas: A Segunda Infância*. São Paulo: Planeta, 2006.